# Credores não aprovam redução da dívida

CORREIO BRAZILIENSE 14 ABR 1993 Externa

**São Paulo** — O presidente mundial do Chase Manhattan Bank, Arthur Ryan, afirmou ontem que aos bancos credores internacionais não interessa reduzir de 60 para 40 por cento a parcela de dívida externa velha por novos títulos do tipo **par bond**, como deseja o Brasil. Segundo ele, a renegociação da composição do novo perfil da dívida externa brasileira deve se dar em bases realistas: "O que se pretende é reduzir a dívida de modo a permitir o crescimento do País, mas também defendendo os interesses dos bancos. E esse número não é de 40 por cento.

Ryan acrescentou que o tempo não está esgotado para o Brsil, mas há um "sentido de urgência" em se chegar a um acerto rápido sobre o assunto. Durante a primeira fase do acordo de renegociação entre credores e o Brasil, os bancos aceitaram trocar toda a dívida externa privada, de cerca de 44 bilhões de dólares, por novos papéis, cada um com uma fórmula específica de pagamento. Os bancos optaram por substituir 60 por cento do total devido por papéis ao **par**, ou seja, sem desconto, fato que desagradou ao Governo brasileiro. No momento, bancos e Governo brasileiro renegociam essas bases.

"Os bancos não gostam de perdoar dívidas", afirmou Ryan, que embarca hoje para Caracas depois de uma rápida visita ao Brasil. "Mas, como o propósito da negociação é deixar o passado para trás, fazer um acordo é preciso para a economia brasileira voltar a crescer. E para haver acordo é preciso amadurecimento de propósitos". Ryan lembrou que os demais países que firmaram o acordo final com os bancos credores servem de exemplo para esta sua certeza de que o acordo é fundamental para a volta do crescimento econômico brasileiro. Ele citou os exemplos da China e demais países da América Latina.